

Etnobotânica no entorno do Parque Estadual Carlos Botelho (São Paulo, Brasil).

Natalia Hanazaki (Depto de Ecologia e Zoologia, CCB, UFSC, natalia@ccb.ufsc.br), Vinícius Castro Souza (Depto de Ciências Biológicas, ESALQ/USP), Ricardo Ribeiro Rodrigues (Depto de Ciências Biológicas, ESALQ/USP).

Introdução

A relação dinâmica entre pessoas e plantas é o foco de estudos da etnobotânica. Abordagens etnobotânicas quantitativas têm sido desenvolvidas e aplicadas para a análise de informações que podem contribuir para a conservação (La Torre-Cuadros e Islebe 2003), visto que muitas populações que conhecem e utilizam espécies da Floresta Atlântica brasileira estão de alguma maneira sobrepostas à áreas prioritárias para conservação. No contexto das áreas de Floresta Atlântica no Vale do Ribeira, sul do Estado de São Paulo, a relação entre moradores e floresta torna-se extremamente crítica e complexa, como acontece no caso do palmito juçara (*Euterpe edulis* Mart.). Além do conhecimento sobre espécies medicinais e da problemática extração do palmito, espera-se que os moradores locais também possuam conhecimentos sobre outras espécies da flora local.

Objetivos

O objetivo deste artigo é efetuar um diagnóstico do conhecimento etnobotânico e analisar o uso de recursos vegetais (medicinais e não medicinais) numa região próxima a uma unidade de conservação, o Parque Estadual Carlos Botelho (PECB), com ênfase para espécies arbóreas. Área de estudo A região de estudo é caracterizada como uma área de floresta ombrófila densa (Veloso e Góes-Filho 1982), com alta diversidade de espécies arbóreas. Custódio-Filho et al. (1992) registraram 176 espécies arbóreas, estimando uma riqueza de 250 espécies arbóreas para toda a área do PECB. A área de estudo inclui o entorno no limite sul do PECB, dentro do município de Sete Barras, Estado de São Paulo. A população nesta área é composta principalmente por trabalhadores rurais de fazendas de banana e pequenas fazendas de gado, bem como extratores e plantadores de palmito. Muitos destes habitantes nativos vivem na região há algumas gerações e partilham características com populações rurais brasileiras. Há uma alta mobilidade entre as famílias locais, devido ao trabalho temporário nas fazendas de banana, e evidenciada pela quantidade de casas abandonadas ou fechadas.

Material e Métodos

A coleta de dados foi efetuada entre 2002 e 2004. Foram selecionadas as casas e comunidades mais próximas à fronteira sul do PECB, ao longo da estrada SP-139. Após um contato preliminar com os entrevistados, os propósitos da pesquisa foram explicados. Os dados foram coletados através de entrevistas individuais semi-estruturadas, com os residentes adultos que concordaram em fazer parte da pesquisa e que viviam na região por pelo menos 2 anos. Recusas aconteceram em 7% dos residentes contactados. As entrevistas consistiam em uma caracterização sócio-econômica e uma listagem livre dos recursos vegetais conhecidos e utilizados pelo(a) entrevistado(a). Questões direcionadoras investigaram aspectos particulares do conhecimento local, como o detalhamento de usos e os locais de ocorrência das espécies. As espécies citadas foram coletadas para identificação botânica. Espécies frutíferas cultivadas foram identificadas *in situ*. Algumas espécies arbóreas foram identificadas através do reconhecimento da árvore pelo entrevistado numa parcela permanente dentro do PECB (Rodrigues 2004). As espécies mencionadas foram agrupadas de acordo com o ambiente, em quatro grandes tipos. Estes tipos foram definidos previamente (Hanazaki et al. 2005) e correspondem às percepções gerais dos habitats locais em quatro categorias êmicas (Tipo A: floresta ou “mata”; tipo B: “capoeiras” de até 50 anos ou “capoeirão”, tipo C: áreas recentemente alteradas e “capoeiras”; e D: áreas cultivadas, roças e quintais). Foi calculada a saliência cultural das espécies, que se refere à sua proeminência psicológica (Quinlan et al. 2002), e resulta da combinação da frequência de citação da espécie com a ordem de citação (Robbins and Nolan 1997).

Resultados e discussão

Os entrevistados (n=58) mencionaram 248 etnoespécies (ou taxa genéricos de acordo com Berlin 1992). Dentre estas, 25 eram sinônimas. Correspondência um-a-um ocorreu para 223 espécies. Os entrevistados tinham entre 18 e 93 anos de idade (média=49, d.p.=18.9 anos). Cerca de 38% deles era nascida em outras regiões, mas viviam na região em média há 23 anos. Mais de um quarto dos entrevistados eram analfabetos e mais da metade possuíam até 4 anos de escolaridade. Apenas 3% possuíam ensino médio. Menos da metade são proprietários de suas terras, a maioria vive em casas cedidas por terceiros. A renda *per capita* média é de R\$ 101,97, com alto desvio padrão (R\$ 96,29). Uma proporção similar de citações foi observada

para os ambientes A (36%) e D (31%), seguidos de B (22%) e C (11%). Cinco grandes categorias de uso foram observadas (madeira e manufaturas, alimento, medicinais, lenha, outros). A maioria das espécies teve apenas um uso geral (62%). Plantas com dois usos (31%) e três usos (6%) foram menos frequentes. O maior número de espécies foi citado para finalidades medicinais, seguido por espécies para madeira e alimento. A maioria das espécies medicinais provinha de ambientes C e D, em comparação a ambientes A e B ($\chi^2 = 37.80$, $p > 0.01$, 2 d.f.). O mesmo foi observado para espécies alimentícias ($\chi^2 = 14.14$, $p > 0.01$, 2 d.f.). Espécies para madeira estavam associadas a ambientes A ($\chi^2 = 37.48$, $p > 0.01$, 2 d.f.) e para lenha a ambientes B ($\chi^2 = 22.67$, $p > 0.01$, 2 d.f.). Plantas para manufaturas e outros usos foram distribuídas de maneira similar entre todos os ambientes ($\chi^2 = 0.88$, $p < 0.01$, 2 d.f.). O conhecimento etnobotânico difere entre homens e mulheres. Para os ambientes A e B, os homens mencionaram mais de duas vezes mais espécies do que as mulheres. Por outro lado, para C e D as mulheres mencionaram mais espécies do que os homens. Estas diferenças podem estar refletindo a menor mobilidade das mulheres em relação aos homens (Lawrence et al. 2005). O conhecimento de espécies dos ambientes A e B refletem as particularidades sobre espécies nativas, principalmente arbóreas. A extração de recursos madeireiros é uma atividade tipicamente masculina, frequentemente associadas à extração de palmito ou a extração de madeira no passado. A exceção é a extração de recursos para lenha de ambientes tipo B, que também é praticada por mulheres. As 13 espécies arbóreas mencionadas por mais de 15% dos entrevistados indicaram uma maior saliência cultural entre homens do que entre mulheres [*Campomanesia phaea* (O. Berg) Landrum, *Cryptocarya moschata* Nees & Mart, *Cecropia glaziouii* Snehth., *Inga* spp., *Miconia cinnamomifolia* (DC.) Naudin, *Hymenaea courbaril* L., *Tetrastylidium grandifolium* (Baill.) Sleumer., *Eugenia multicostata* Legr., *Euterpe edulis* Mart., *Capsicodendron dinisii* (Schwacke) Occhioni, *Hyeronima alchorneoides* Allem. e *Garcinia gardneriana* (Planch & Triana) Zappi]. A única exceção foi a goiaba (*Psidium guajava* L.), que teve maior saliência cultural entre as mulheres. Entre as espécies arbóreas nativas comumente citadas pelos entrevistados, estão incluídas espécies cujos frutos são comestíveis (*Campomanesia phaea* (O. Berg) Landrum, *Garcinia gardneriana* (Planch & Triana) Zappi e *Psidium cattleianum* Sabine). Em contraste com o uso de espécies arbóreas para madeira ou lenha, o uso destas espécies é potencialmente interessante no contexto da conservação da floresta Atlântica. (Agradecimentos aos moradores entrevistados e a L.G. Araújo, R. Mazzeo, J.L.C. Maia, N. Peroni e FAPESP – projeto “Diversidade, dinâmica e conservação em Florestas do Estado de São Paulo: 40ha de parcelas permanentes” e bolsa PD 01/05596-1)

Referências Bibliografia

- Custódio-Filho A., Negreiros, O.C., Dias A.C. e Franco G.A.D.C. 1992. Composição Florística do estrato Arbóreo do Parque Estadual de Carlos Botelho, SP. Revista do Instituto Florestal 4: 184-190.
- Hanazaki N., Peroni N. e Begossi A. 2005. Edible and Healing Plants in the Ethnobotany of Native Inhabitants of the Amazon and Atlantic Forest Areas of Brazil. In: Pieroni A. and Price L.L. (orgs) Eating and Healing - traditional food as medicine. Haworth Press, Binghamton, in press.
- La Torre-Cuadros M. D. e Islebe G. A. 2003. Traditional ecological knowledge and use of vegetation in southeastern Mexico: a case study from Solferino, Quintana Roo. Biodiversity and Conservation 12 (12): 2455-2476
- Lawrence A., Phillips O.L., Ismodes AR., Lopez M., Rose S., Wood D. e Farfan A.J. 2005. Local values for harvested forest plants in Madre de Dios, Peru: towards a more contextualised interpretation of quantitative ethnobotanical data. Biodiversity and Conservation 14 (1): 45-79
- Quinlan M.B., Quinlan R.J. e Nolan J.M. 2002. Ethnophysiology and herbal treatments of intestinal worms in Dominica, West Indies. Journal of Ethnopharmacology 80 (1): 75-83
- Robbins M.C. e Nolan J.M. 1997. A measure of dichotomous category bias in free-listing tasks. Cultural Anthropology Methods Journal 9: 8-12
- Rodrigues R.R. 2004. Diversidade, dinâmica e conservação em florestas do Estado de São Paulo: 40ha de Parcelas Permanentes. Relatório Científico III. FAPESP, São Paulo.
- Veloso H.P. e Góes-Filho L. 1982. Fitogeografia brasileira: classificação fisionômico-ecológica da vegetação Neotropical. In: Brasil (ed.) Boletim Técnico do Projeto RadamBrasil (Série Vegetação), pp 1-86. Ministério das Minas e Energia, Salvador.